

---

## **MEMÓRIA E ORALIDADE COMO ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: O CASO DA PRAÇA DIOGO JARDIM EM MIRACEMA - TO.**

Aragoneide Martins Barros;  
Rosemary Negreiros de Araújo.  
Graduanda em Pedagogia – UFT/ Miracema;  
Professora Mestre da UFT / Miracema  
[neidemartins85@hotmail.com](mailto:neidemartins85@hotmail.com)  
[rosearaujo@uft.edu.br](mailto:rosearaujo@uft.edu.br)

### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo buscou compreender como se constrói a *'história de um lugar e o que pensam e falam as pessoas desse lugar'*, no qual o espaço escolhido foi a praça pública Diogo Jardim, situada na cidade de Miracema do Tocantins (TO). Considerando a precariedade e/ou insuficiência de dados documentais, o principal procedimento de coleta de dados se deu pelo depoimento de moradores e ex-moradores dos arredores desta Praça.

Para entrarmos em contato com os depoentes, realizamos uma visita prévia no intuito de conhecê-los, e explicitar a intenção e o significado do estudo, em que, após a concordância, foram agendadas as datas das entrevistas, cujo teor versava sobre: o que levou essas pessoas a virem morar nesse lugar; migração; experiência de vida; origem; porque vieram e se a vida nesse lugar que habitam ou habitaram (entorno da praça) modificou em relação ao antigo lugar de onde vieram; além de investigarmos acontecimentos que presenciaram na praça, a exemplo de duas enchentes ocorridas na década de 80 e 90.

Os resultados aqui apresentados a partir das informações colhidas nos depoimentos, resultaram na elaboração de um vídeo. Não temos a pretensão de contarmos uma história de forma linear, até mesmo porque os depoimentos estão impregnados de emoções, mas a partir da vida de alguns desses moradores e ex-moradores, apresentarmos um panorama geral, referente à vida no entorno da praça, o que ela representou e representa para as gerações anteriores e atuais.

Este trabalho é resultante das atividades de ensino do Curso de Pedagogia, na disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de História.

---

## METODOLOGIA

Metodologicamente optamos pela pesquisa de campo, através de etapas distintas, em que realizamos um primeiro contato com os entrevistados, para em seguida aplicarmos um instrumento, roteiro de entrevista semi-estruturada, visando dá voz aos sujeitos da pesquisa.

A memória oral foi aqui utilizada como fonte de produção do conhecimento, segundo Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994) ao analisarmos a memória de homens e mulheres idosos, relata que não é possível afirmar que há um caráter espontâneo, livre e onírico da memória, segundo essa, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (1994, p. 55).

Contudo a memória, não pode ser confundida com a história, assim advertem vários historiadores. Conforme assinala Bittencourt (2004, p. 170) “As memórias precisam ser evocadas e recuperadas e merecem ser confrontadas. As dos velhos e de pessoas que estão no setor produtivo ou as de homens e de mulheres nem sempre coincidem, mesmo quando se referem ao mesmo acontecimento”. No caso dos moradores e ex-moradores do entorno da praça, as memórias nem sempre coincidem, e mesmo recuperadas essas não constituem a história, pois nenhuma memória, individual ou coletiva, constitui a história.

## DISCUSSÃO

Dentre as entrevistas, algumas possuem maior riqueza de detalhes sobre a vida destas pessoas, retratando parcialmente um panorama acerca de como foi a vida dos mesmos, após chegarem e se instalarem no respectivo local, onde hoje é a praça. Por meio desses depoimentos foi possível identificarmos aspectos importantes relacionados à origem e a vida cotidiana dos depoentes. Tendo em vista, que estes ao remexerem em suas memórias, demonstraram sentimentos diversos, tais como: nostalgia, recordações,

---

desencantos, sofrimentos, mas também satisfação por sentirem-se como protagonistas dessa história, a da Praça Diogo Jardim.

A pesquisa buscou compreender a opinião de moradores e ex-moradores a respeito do lugar, os fenômenos vivenciados nessa localidade, bem como as experiências de vida e opiniões sobre o local. Todavia, identificamos que a maior parte dos sujeitos entrevistados são migrantes, e embora não fosse nosso único foco, percebemos que as migrações nem sempre foram motivadas por interesses econômicos, havendo outro interesse, como o de dar oportunidade de estudos aos filhos, exemplo desse ex-morador. (os nomes dos depoentes são fictícios)

Eu vim para cá dá atenção de educação de filhos que é lá do mato para eles não ficar que nem eu cheguei aqui em 1972, vim do município de Pedro Afonso, vim pra que cheguei, arrumei esse ponto aqui e passei a morar definitivo, mas quem ficava cá era só a véia mais os filhos, porque minha vida era de fazenda em fazenda. (Seu. Pedro).

Nos relatos transparece também as dificuldades econômicas vivenciadas por esses sujeitos, podemos verificar na citação acima, quando informa que vivia trabalhando de fazenda em fazenda, antes de chegarem a Miracema. Na fala de outra moradora, pode-se constatar que a migração se deu por motivos econômicos “Chegamos para cá em janeiro de 1983, nós viemos para uma chácara porque nós não tínhamos condição de vida lá, viemos morar pra cá, porque minha filha morava aqui e chamou nós para morar e ter condição de vida sabe”. (D. Maria). Percebe-se que vida dessa moradora é marcada pelas migrações internas, ela conta que, vindo do Nordeste morou em fazendas, antes de se instalar definitivo na cidade no entorno da praça. Esse foi o itinerário de várias dessas famílias, migrarem, trabalharem em determinada fazenda ou cidade por algum tempo, até se dá nova migração.

Em determinados momentos, como antes das construções realizadas na praça, as falas são carregadas de emoção, o lugar evoca lembranças boas, um espaço com muita vegetação e propício para realizações de festejos, das reuniões, “nessa época que eu cheguei aqui de 72 essa praça era só uma marmelada que tinha não esse aprontamento (...)”

---

aqui só era mato, mas era satisfativo, por uma parte, pelos festejos as reuniões que tinha aqui, que tinha que fazer de cá”. (Seu Pedro)

A praça para os antigos moradores, antes da construção recebia o nome de Praça dos Operários e/ou dos Trabalhadores, procuramos saber sobre tal questão, fomos informados, que, ainda em 1953, a mesma recebia esse nome, vejamos o que fala o Seu Carlos “vim para cá em 53 para essa cidade aqui, aqui só era mato, não tinha praça não era apenas mato. Eu construir essa casa aqui dentro do mato, tinha essa quadra ai que eles disseram que era praça dos operários”...), acrescenta ele “mas ai eles não fizeram a praça dos operários não, fizeram foi essa aí do jeito que ta aí “(Seu Carlos)

Em sua fala, esse morador, deixa transparecer certa insatisfação, ao mencionar que a Praça que fora construída, não foi a do Trabalhador, mas construíram na visão dele “essa aí do jeito que ta aí”, dando a entender que a praça para o trabalhador, teria um outro aspecto. Sendo assim, questionamos quando e como se deu a construção da mesma, outra moradora enfatizou que “Foi depois da enchente, ele tinha ganhado a política a pouco tempo e o povo tava em cima dele desesperado pois não tinha aonde morar, ai ele alimpou lá no alto e o povo mudou tudo para lá pro alto, ai ele fez essa praçinha bem aqui”. (Dona Rosa)

A menção a ele a quem Dona Rosa se refere, ter ganho a política, é ao prefeito da época Sebastião Borba. A cidade, situada à margem do rio Tocantins, foi acometida por uma grande cheia, e quase toda a população da cidade, teve que buscar abrigo nas partes mais altas, ainda desabitadas. Ela narra que após passar o período da enchente (1980-1981), o prefeito fez a construção da praça nesse lugar de batalhas e de enfrentamento, lugar de grandes dificuldades, como as advindas de duas grandes enchentes (1980-1981 e 1992).

No depoimento seguinte perceber-se a emoção do depoente ao lembrar os momentos de angústias vivenciados durante a enchente, Seu Pedro, que não mais reside nos arredores da praça, fez questão de ser entrevistado no mesmo local onde viveu tudo, sofreu e foi feliz, experiência marcante e que ele, não tem coragem de se desfazer, dos bens materiais que o faz recordar observemos sua fala “Naquela passada de 80 a 81 foi a jogada dessa enxurrada do Tocantins, acabou tudo, só fiquei com o lote e um pé de manga só. A

---

altura da água veio até essa posição bem aqui, eu tive aqui nessa ribanceira até que a casa viajou, ai eu endoidei a cabeça”

Com muita emoção, Seu Pedro continua sua narrativa sobre o que passou com sua família durante a enchente “pelejei aí daqui fomos para onde hoje é o quartel, só saímos para esse quartel Tiro de Guerra aí à água já tava panhando aqui, assim essa *oreula* de lá mais que a de cá, isso aqui só ficou esse vieiro aqui, daqui até sair lá de junte do posto veio”.

Em outros momentos, após a construção da praça, ela é vista como um lugar do descaso, local de vandalismo “Que de fato tem essa praça ai, que foi construída no tempo do finado Sebastião Borba, agora eu não gosto muito bem, porque ai só faz forró e dizem que o povo lá usam muita droga (...) Continuando, afirma “È bebedeira festa, bebedeira, quando tem já passa o carro gritando, festa hoje na praça Diogo Jardim, ai passa o carro gritando esse horror, e de noite o pau quebra, briga, bate em nego, mataram já um, espancam, roubam, é tanta disgranha”. (Seu Antônio)

Ao contrário desses antigos moradores, seus filhos já concebem a praça como um espaço de lazer, o que nos permite compreender que as vivências e experiências sociais são ressignificadas no tempo e na história dos indivíduos, a praça é utilizada para festas, grupos de quadrilhas, dentre outras manifestações culturais, note o relato da presidente de um desses grupos, ao referir-se as apresentações “agora na Praça Diogo Jardim desde 97, ensaiamos a noite de segunda a sexta na praça Diogo Jardim, este ano não estamos fazendo ensaio, na praça devido a falta de energia que não esta tendo nos refletores, estamos ensaiando na rua (...)” (Lúcia, grupo fundado em 1990).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante esta abordagem fica explícito a relevância da utilização da memória através da história oral para se conhecer uma determinada realidade, nesse caso específico, ao fazermos contato com diferentes gerações de moradores e ex-moradores da referida praça, constatou-se que a maioria vêm de uma realidade de migração, e que morando no

---

entorno da praça enfrentam situações de adversidades relacionadas às enchentes e condições de moradia.

Todavia a pesquisa nos propiciou analisarmos os antagonismos existentes entre a visão dos antigos moradores e seus filhos, visto que os últimos já concebem a praça como um espaço de lazer. Fato este, que nos permite compreendermos que as vivências e experiências sociais são ressignificadas no tempo e na história dos indivíduos.

Nessa atividade ficou evidente a importância da história oral como ferramenta para e no ensino de história. Outra importância diz respeito à possibilidade proporcionada de contar a história de grupos que muitas vezes não dispõem de outras formas de registro.